



DO SINTOMA AO *SINTHOMA*: A AVENTURA TEÓRICA DA NOÇÃO DE REAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A AD

Elzira Yoko Uyeno¹

Introdução

Mencionar o real na Análise do Discurso evoca o Pêcheux de “Estrutura e Acontecimento”, de 1983, no qual, embora continuasse a advogar a existência do real da história, reconhece não se poder desconsiderar a existência de um real próprio da língua, da ordem do inominável, do inconsciente, conclamando aqueles que com ele quisessem construir uma “aventura teórica” já por ele iniciada em *A Língua Inatingível*, de 1981 e *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político-francês: início de uma retificação*, de 1982. Não se trata de textos da ordem de um “Saussure de Gaveta” (ANQUENTIL, 2003, apud UYENO, 2011c) inacessível até 1969 para preservar um princípio heurístico da não contradição (FOUCAULT), mas de um processo de ordem das revoluções de Khun. *Só há causa daquilo que falha*, expressão, na verdade não de Pêcheux, mas autoral de Lacan (1964), quando do seu resgate do termo *tiquê* das pesquisas da causa por Aristóteles, já indiciava seu reconhecimento do real.

Em seus estudos ulteriores, Lacan confere ao inconsciente o estatuto de “encontro com o real” e a dimensão além do *autômaton*, que diz respeito à volta, à insistência dos signos que nos comandam, no sentido de que o real vige o *autômaton*. Esses dois termos permitiram-lhe enunciar o centro catalisador da clínica lacaniana de que há um real que se repete, mas escapa. Instaura-se, aí, a ambigüidade: repete-se um velho que também é um novo; repete-se, portanto, o que está por trás da repetição: repete-se o real. Daí as duas formas de repetição: a repetição repetitiva e a repetição restitutiva. Aquela é da ordem da *tiquê*, do real, e, como tal, do encontro dominado pelo acaso, imprevisível, contingente, o que não cessa de não se escrever; esta, da ordem do “*autômaton*” e, como tal, simbólica, o que não cessa de se escrever.

Eis que se legitimam a relação entre a perspectiva discursiva francesa e a psicanálise e contribuição da noção de real desta para aquela.

1. Inconsciente, linguagem e sintoma

Mencionar a expressão *Só há causa daquilo que falha* em Lacan evoca necessariamente a noção de inconsciente que é responsável pela falha. O inconsciente, um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise postulados por Lacan (1964/1998), constitui a pilastra de sustentação da psicanálise, uma vez que de sua formalização decorreu o engendramento do sujeito dividido, objeto da psicanálise. Esse conceito fundante, entretanto, revela ter sofrido os efeitos da contingência, tendo sido remodelado a partir

¹ Doutora em Linguística Aplicada (Unicamp)
Docente do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté - Unitau



de novas necessidades clínicas, dado o aporte de novas informações e de outros pontos de vista, permitindo a postulação de um inconsciente freudiano, de um inconsciente lacaniano e de um inconsciente pós-lacaniano (não em seu sentido de superado, mas no de dar continuidade a uma tarefa que Lacan nos legou).

A genealogia do complexo conceito de sujeito em Lacan se confunde com a da ciência, e esse conceito se inaugura pela desconstrução, no sentido derridiano, promovida por Freud da proposição cartesiana de um “sujeito definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos” (ROUDINESCO & PLON, 1998), pela qual se chegava ao silogismo de que “se pensa, existe”. Assim, o sujeito lacaniano constitui o legado freudiano que se inaugura a partir da promoção de uma revolução nessa asserção pela refutação do sujeito monolítico da ciência moderna – dono do seu pensar e do seu agir – que é o mesmo que pensa, estabelecido por Descartes (1596-1650), e pelo reconhecimento de um sujeito alienado de si em que aquele que pensa não é o mesmo que existe, uma vez que não é dono da própria casa. Essa divisão do sujeito entre aquele que enuncia e o que decorre da formalização do conceito de inconsciente, sujeito esse ineditavelmente do inconsciente, ao qual o sujeito da consciência resignada e inexoravelmente se submete.

O conceito freudiano de inconsciente promove um deslocamento radical nas idéias de inconsciente de tradição filosófica, reconhecido por Lacan em sua afirmação no Seminário 11 de que o “inconsciente freudiano nada tem a ver com as formas ditas do inconsciente que o precederam, mesmo as que o acompanhavam, mesmo as que o cercam ainda” (LACAN, 1964/1998, p. 29). Esse deslocamento se estabelece como um dos vértices do triângulo (Galileu, Darwin e Freud) que postulam o descentramento do sujeito. Lacan, reconhecido por retomar os fundamentos da proposta freudiana, orienta que os conceitos freudianos sejam revisitados e analisados sob nova ótica e, a partir dos anos cinquenta, propõe um movimento de retorno a Freud. A partir do reconhecimento de que o ser humano é um ser falante, cunha a frase pela qual se tornou conhecido: “o inconsciente se estrutura como linguagem”. A expressão “sujeito do inconsciente”, introduzida por Lacan, diz respeito a um sujeito não localizável em um lugar determinado, mas passível de ser encontrado, de forma fugidia, volátil, na fala – por meio de formações do inconsciente, sob a forma de lapsos, chistes, sintomas – e ao lado do sujeito da consciência por aquele subjugado.

2. Inconsciente, *lalangue e sinthoma*

A concepção lacaniana do sujeito do inconsciente que, volátil se manifestava na fala, contudo, revelou sofrer os efeitos da contingência, uma vez que o conhecimento anterior não era suprimido, mas ampliado. Essa remodelação levou-o, em seus estudos ulteriores, a distinguir significação de sentido e a postular a *alíngua* o que nomeia o inominável e, portanto, resiste à interpretação. O corolário que se lhe



segue é que “a interpretação requer nova definição da palavra, se ela estiver no nível da *lalangue*” (MILLER, 1996, p. 101).

Ao lado dos conceitos de real, gozo e corpo, *lalangue* veio a tornar-se um dos conceitos fundamentais do último ensino de Lacan: sobre *lalangue*, fala, na última aula do Seminário Mais Ainda, em 1973, que o ponto chave de seu ensino nesse ano fora o saber e que a linguagem era uma elucubração de saber sobre *lalangue*, enquanto o inconsciente passara a constituir um saber-fazer sobre *lalangue*. A linguagem não é *lalangue*, mas uma construção desta, e “há muito mais coisas na *lalangue* do que sabe a linguagem. O inconsciente é feito de *lalangue*, cujos efeitos vão além de comunicar” (MILLER, 2006, p. 69).

“Numa neurose, a análise começa pela precipitação do sintoma, com enganche do sujeito suposto saber ao desejo do analista”, já na psicose, poderíamos dizer que começa “com uma cristalização do sintoma, com captura do gozo pela *lalangue* de transferência” (p. 151), como modo de inserir esse sujeito num discurso. Se na neurose podemos falar em saber suposto, na psicose falamos de saber exposto, onde o inconsciente encontra-se a céu aberto (GOIS, et all, 2009).

O conceito de *lalangue* será retomado regularmente em seu ensino, entre 1973 e 1975 e, sobretudo no seminário *O Sinthome* (1975-76): analisando o escritor James Joyce e sua obra *Finnegans Wake*, Lacan a ele se refere como “Joyce o homem *sinthoma*”.

Miller, à obra se refere como intraduzível, “porque não é escrito numa língua”, mas em *lalangue* que “faz do ser que a habita e que a falará, um doente, um diferente e tudo que lhe é permitido fazer com, é uma obra”.

Para Lacan, tendo se dedicado durante dezessete anos à obra, Joyce fez de seu traumatismo, de seu sintoma, de sua doença, uma obra de arte; daí afirmar que o neurótico utiliza o seu sintoma de forma a lhe permitir viver, a evitar o que lhe é desconfortável.

Esse saber fazer com o sintoma revelado por Joyce interpretado por Lacan muda o conceito de sintoma (MILLER, 2006): se o sintoma desordenava e levava o sujeito a repetir o que o fazia sofrer, e Joyce apela para algo que pode, apesar de tudo, permitir-lhe viver, transforma-o em *sinthoma*, um saber fazer com a angústia.

Se, na clínica clássica, o que se buscava na palavra era a expectativa da resposta do Outro, o que constitui o sujeito como ele mesmo (LACAN, 1998, p.299), aquele que profere a *lalangue* não busca a resposta do Outro. Quando não se trata de perguntas e respostas, mas de sua relação com o gozo, é preciso apreender a palavra captada, torcida. Conferindo fidelidade à proposição lacaniana, Miller e Forbes, continuam o percurso, em laboriosos seminários, na busca pela compreensão de um inconsciente que determina o sujeito generalizadamente nomeado de pós-moderno. Esse termo primeiramente utilizado por Lyotard (1996) tem sido substituído por suas variantes de acordo com as



especificidades desenvolvidas por seus estudiosos: sujeito líquido (BAUMAN), sujeito hipermoderno (LIPOVETSKY), sujeito desbussolado (FORBES).

Esse sujeito desbussolado, segundo Forbes (2001, 2005), tem na globalização seu determinante, por, incitá-lo a gozar sem culpa, favorecendo uma estrutura que privilegia a horizontalidade, em detrimento da verticalidade, responsável pelo sujeito do inconsciente como linguagem, do desejo, modulado, portanto, pelo pai (daí a verticalidade).

3. Composição e análise do *corpus* de pesquisa na ADF: contribuições da noção de real

A evolução do conceito de inconsciente e, por conseguinte, de real e de sintoma permitiu a composição de *corpus* de pesquisas (*lalangue*, em UYENO, 2011a; transferência, em UYENO, 2011b) das quais se apresentam duas como ilustração das noções de sintoma (UYENO, 2009) e de *sinthoma* (UYENO, 2011c) que se apresentaram.

A folha do diário de F selecionada para a presente reflexão (folha que representa algumas outras folhas redigidas por suas colegas cujos conteúdos se lhe assemelham) se constitui como uma ficção de si mesma em que rememora sua “experiência” sexual.

Meu querido diário

Hoje eu estava pensando na minha vida e, descobri que não estou completamente feliz, pois lembrei das coisas passadas e não gostei de nada. No passado eu era muito triste, e tentava fazer de tudo para os outros gostarem de mim, mudava o meu jeito de me vestir, comprava coisas da “moda” e até comia coisas que eu não gostava.

Até que um dia conheci um cara que eu gostava muito, tinha por ele uma paixão, não sabia o que era amar e nem namorar direito. Acabaram acontecendo coisas que não eram pra ter acontecido, como o sexo, até hoje me arrependo, mas naquele dia estava muito carente, de tanto sofrer por ele. Queria agradar ele tanto que acabei não me prevenindo, corri o risco de pegar uma doença grave, gravidez não, pois eu tomava remédio. Mesmo assim, fazendo as vontades dele, ele nunca me deu valor, me tratava pior que uma pessoa qualquer, sendo que já estávamos juntos há quase 2 anos, preferia me enganar. O pior de tudo é que eu sei que ele é um “galinha” ..., tem vez que parece que ele gosta de mim mas tem vez que só quer curtir comigo às vezes eu quero terminar com ele mas é impossível já estou apaixonada (Escrito por: a garota apaixonada).

O conteúdo do diário de F difere radicalmente dos de suas colegas. As diferenças dizem respeito à inexistência de referência ao pai e/ou à mãe, ao fato de prevalecer a vontade do namorado em detrimento de sua vontade. Observe-se como F repete a demanda de amor desde a infância: 1) esforçava-se para que gostassem dela, fazendo para tanto aquilo de que não gostava; 2) queria tanto agradar ao namorado que se relaciona sexualmente o que julga não *queria que tivesse acontecido*; 3) mesmo fazendo as vontades dele, ele *não lhe dá valor*, enganando-a; 4) embora saiba que ele é um “galinha” e que se diverte com ela, não consegue terminar com ele. O que se percebe é que, se F “repete o que lhe produz desprazer, pode-se supor que busca e encontra nisso uma satisfação”, encontrando-se,



portanto, no nível da pulsão, que se define, enquanto “demanda sempre satisfeita, como uma cadeia significativa inconsciente que produz não um sentido senão o gozo” (MILLER, 1991, p.55).

Considerando-se que F não se constitui um caso excepcional, mas semelhante a várias colegas, a ponto de sua proeminência justificar a constituição de um *corpus* de pesquisa, é-se levado a crer que não se está diante de uma histeria clássica, mas de um novo sintoma (UYENO, 2009): F oferece indícios de que sofre as influências da globalização e se constitui como sujeito pós-moderno e, como tal, se constitui de uma estrutura que privilegia a horizontalidade em detrimento da verticalidade (FORBES, 2003, 2005).

Apresenta-se, a seguir, um excerto de entrevista concedido a um jornalista por Sebastião Nicomedes, morador de rua que, a despeito das contingências que o levaram para a rua, tornou-se escritor e blogueiro em cujo blogue, alimentado em *lan houses* posta serviços de utilidade para seus companheiros de rua.

Tião gostava de cravar os sentimentos no papel. O primeiro atrapalhado que o viu escrevendo acabou se tornando seu anjo. No Parque Dom Pedro II, o tal andarilho mandou ver: "Letrado, escreve aí uma carta para a minha mãe". Então deu a ideia da literatura como profissão: "Ela pode mudar sua vida e pode mudar a nossa". Em 2007, Tião escreveu o livro de poesias Cátia, Simone e Outras Marvadas, publicado pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, que divulga material artístico produzido por moradores de rua. A Cátia é mistério, a Simone é aquela e, entre as outras marvadas, prima a bebida: "A pinga pede o corpo/ que pede o chão/ que pede o corpo/ que pede a pinga se o corpo cai". Tião também escreveu o monólogo Diálogo dum Carroceiro, interpretado pelo ator Antonio Carlos de Nigro e apresentado inclusive para o presidente Lula. Hoje o texto roda por espaços alternativos, com O Homem sem País, outro monólogo de Tião, estrelado por ele mesmo.

Nasceu nesse pedido [de um colega de infortúnio], recorda Tião, a literatura como profissão em sua vida. "Ela pode mudar sua vida e pode mudar a nossa", ouviu, como a uma profecia, do colega (in)fame como ele. Essa profecia revelou-se performativa: em 2007, Tião escreveu o livro de poesias "Cátia, Simone e Outras Marvadas", publicado pelo "Coletivo Dulcinéia Catadora" que divulga material artístico produzido por moradores de rua. "A pinga pede o corpo/ que pede o chão/ que pede o corpo/ que pede a pinga se o corpo cai" escreveu Tião num dos poemas em aparente inspiração em Charles Bukowski de quem é leitor: sem perífrases ou eufemismos, denuncia a vida de exclusão que não raras vezes leva à perda da noção de realidade.

Nesse processo, a escrita revela sua natureza, em alguma medida, *sinthomática*, como postulou Lacan, no sentido de que, como a Joyce, a escrita lhe permitiu não enlouquecer, a despeito da perda da noção de realidade que a vida na rua leva e que dele requeria atenção, mencionado em outras entrevistas (UYENO, 2011, c).

Considerações Finais



A noção do real permitiu a composição de um *corpus* de pesquisa e de sua análise; mais precisamente, permitiu a interpretação da enunciação e não do enunciado pela ADF e pela Psicanálise lacaniana, não se limitando à pressuposição do componente psicanalítico da ADF por seu atravessamento, mas da análise de aspectos inelutáveis que se deflagram no discurso, evidenciando o sujeito do inconsciente, e, como tal, um sujeito evanescente e não ontológico: as formações do inconsciente em suas formas de *lapsos linguae* e *calami*, chistes, contradições e sintomas deixaram o exílio e passaram a contribuir para o atravessamento da opacidade da língua.

A evolução do próprio conceito de real em Lacan, acrescentada como desdobramento na ADF, permitiu a análise do discurso de um sujeito tendencialmente modulado pelo real, uma vez que modelado pelo evidente declínio da figura paterna e dos significantes mestres, portanto, da prevalência do simbólico, que conferiam consistência aos sujeitos.

Para finalizar, o conceito de real em sua aventura teórica lacaniana revelou sua potencialidade para a análise do sujeito contemporâneo em suas denominações várias como pós-moderno (LYOTARD, 1994), líquido (BAUMAN, 2008, 2010), hipermoderno (LIPOVETSKY, 1989, 2007), do gozo (BIRMAN, 2007), desbussolado (FORBES, 2004) uma vez que modulados pela prevalência do real, em contraposição aos modulados pela prevalência do simbólico.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo: a transformação de pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BIRMAN, Joel. Sujeito desejante na contemporaneidade. In. In. INDURSKY, F. e CAMPOS, M do C. (orgs) *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

FORBES, Jorge. *A Psicanálise do homem desbussolado: as reações ao futuro e seu tratamento.*, 2004. Disponível no site WWW.jorgeforbes.com.br.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LACAN, Jacques: *Seminário XX, Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Seminário XXIII, O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Seminário XI Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1979.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



_____. *O império do efêmero*. Companhia das Letras, 1989.

LYOTARD, Francis. *O Pós-moderno*. São Paulo: José Olímpio, 1994.

MILLER, Jaques-Alain. *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. O Escrito na palavra. In: *Opção Lacaniana* 16, 1996.

PÊCHEUX, M. (1975) Só há causa daquilo que falha ou o inverno político-francês. In. Gadet e Hak (org.) *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988

_____. (1983) *Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

GADET, F. e PÊCHEUX, M. (1981) *A Língua Inatingível*. Campinas: Pontes, 2004.

GOIS et all. *Lalangue, via régia para a captura do real*. WWW.

MILNER, Jean-Claude. *O Amor da Língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

UYENO, Elzira Y. Edipianos e não edipianos: a (d)enunciação na/pela escrita não pedagógica. In. *Anais do 5º Sepla da Unitaui*, 2009.

_____. Morador de rua no ciberespaço: incluir-se no discurso da ética do desejo. In. CORACIN (org) *Vozes (in)fames: exclusão e resistência*, Campinas: Pontes, 2011.

_____. *A-língua em escrita de caipira multilíngue: migração temporal, letramento e identidade*". In. UYENO e CAVALLARI (orgs) *Bilinguismos: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras*. Campinas: Pontes, 2011.